

Reconfigurações parentais no cinema brasileiro: representação de família homoafetiva no curta metragem “Café com Leite”

Parental reconfigurations in brazilian cinema: representation of homoaffective family in "Café com Leite" short film

Elias Santos SEREJO¹

Marisa de Oliveira MOKARZEL²

Mariano KLAUTAU³

Resumo

Na contemporaneidade, diferentes arranjos familiares se apresentam para a sociedade e tem suscitado debates sobre respeito, aceitação e garantia de direitos. No cerne da discussão estão as famílias homoafetivas, núcleo formado por pessoas do mesmo sexo. Este trabalho analisa a representação de novas famílias no cinema brasileiro a partir da narrativa de um curta metragem. Partindo de uma breve apresentação sobre a formação das identidades elucidamos nos discursos da trama e nas nuances do fazer cinematográfico esforços para tornar a relação entre dois namorados e o irmão de um deles um núcleo afetivo que ensaia ser uma família. Afinal, o que é uma família? Quem pode dizer quais relações constituem família? O cinema, ao nosso ver, tem contribuído para inserir estes questionamentos na agenda pública.

Palavras chave: Identidade. Homossexualidade. Família. Cinema. Sociedade.

Abstract

In contemporaneity, different kind of families present themselves to society and have evoked discussions about respect, acceptance and guarantee of right. In core of discussion are the homoaffective families, nucleus formed for people of same sex. This research analyze the representation of new families in brazilian cinema from of narrative of a short film. Starting from a short presentation about the formation of identifies we elucidate in speech of plot, and in nuances of to make cinematographic, effort to become the relationship between two boyfriends and the brother of one them a

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia. E-mail: eliasantos1001@gmail.com

² Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (2005) Professora Titular Pós Stricto Sensu da UNAMA. E-mail: marisamokarzel@globo.com

³ Doutor em Artes Visuais pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP (2015). Professor titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia. E-mail: marianokf@uol.com.br

core affectionate that rehearse be a family. Finally, what is a family? Who can say what relations form a family? The cinema, in our view, have contributed to insert these questions in public agenda.

Keywords: Identity. Homosexuality. Family. Cinema. Society.

Introdução

A emergência de novas configurações de famílias na contemporaneidade apresenta desafios para o campo sociológico, jurídico e antropológico. Neste artigo, propomos algumas reflexões sobre a construção desses núcleos familiares no audiovisual e buscamos, assim, contribuir com a realização de um diálogo entre diferentes áreas que convergem em esforços acadêmicos na luta pelo reconhecimento da diversidade de famílias. Para isto, analisamos o curta metragem “Café com Leite”, do ano de 2007, dirigido por Daniel Ribeiro.

Com duração de 18 minutos, o filme narra a trajetória do casal Marcos e Danilo que decidem morar juntos, porém, uma tragédia na vida de Danilo força-os a enfrentar uma nova realidade. A partir deste momento, ambos buscam encontrar uma forma de vivenciar os novos laços que se estabelecem sem que percam a sintonia como casal e o amor que nutrem um pelo outro.

Pretende-se debater neste artigo a narrativa cinematográfica como possível ferramenta para desconstrução de preconceitos, mecanismo de sensibilização e forma de representação do vínculo homoafetivo ao apresentar um casal jovem formado por dois homens que decidem dar “mais um passo” na relação. Desta forma, analisamos como a representação da identidade contemporânea dos sujeitos homossexuais possibilita a emergência de uma nova identidade familiar, mais plural e híbrida.

Para discutirmos a formação familiar proposta pelo filme é necessário discorrer sobre alguns aspectos da formação das identidades homossexuais e um breve histórico da condição gay no mundo ocidental, sobretudo nas américas. “Ontem, era crime ser homossexual. Hoje o crime é discriminar o homossexual” (MOTT, 1998, p. 1). Talvez não crime no sentido jurídico da palavra, já que em muitos países a homofobia não constitui delito legalizado, como é o caso do Brasil, mas nossa sociedade está começando a perceber que o cidadão homossexual possui direitos como qualquer outro.

Cabe aqui uma discussão acerca do sujeito homossexual ocidental, visto que os estudos sobre eles são mais amplos, acessíveis e até mesmo possíveis em comparação ao oriental.

Segundo Mott (1998, p. 1), “se ponderarmos que os gays e lésbicas representam 6 a 10% da população dos países ocidentais, concluiremos que somente o preconceito e discriminação poderiam explicar o desprezo pelo conhecimento de tão significativo contingente demográfico”. Mesmo com este índice levantado por Mott (1998), convencionou-se chamar este grupo de “minorias” sexual, mesmo que esta denominação nos parece imprópria, visto que “as minorias nunca poderiam se traduzir como uma inferioridade numérica, mas sim como maiorias silenciosas que, ao se politizar, convertem o gueto em território e o estigma em orgulho étnico, ou de gênero” (LOURO apud ALONGE, 2007, p. 4). Para Alonge (2007) as chamadas “minorias” sexuais ganharam visibilidade e isto fez com que suas lutas com os grupos conservadores da sociedade se tornassem mais acirradas e explícitas.

Ressaltamos aqui o marco do recrutamento de homossexuais para militância na luta pela garantia dos direitos civis, liberdade individual e nascimento da cultura gay, os acontecimentos ocorridos na década de 1960 no bar *Stonewall Inn*, localizado no bairro de *Greenwich Village*, em Nova Iorque. Local muito frequentado pelo público homossexual. Foi ali que há mais de 50 anos um grupo de homossexuais iniciou uma série de conflitos com a polícia, que os hostilizou devido ao uso de bebidas alcoólicas proibidas a eles naquele período, e práticas consideradas amorais (COSTA, 2010). Cansadas da extorsão e da humilhação a que vinham sendo submetidas, as cerca de 400 pessoas que estavam no bar, na noite de 28 de junho de 1969, resolveram enfrentar a polícia com pedras, socos e o que mais estivesse ao alcance.

O conflito se estendeu violentamente pelos quatro dias seguintes⁴. E de uma forma mais suave segue até os dias de hoje. Este episódio ficou conhecido como o levante de *Stonewall*, considerado pelos ativistas gays o início da organização da comunidade homossexual. Desta forma temos este levante como um verdadeiro símbolo da emergência do movimento gay, com as características de inclusão cultural e luta pela garantia de direitos. De acordo com Costa (2010), nas décadas de 1970 e 1980 diversos

⁴ Informações retiradas do site do Grupo Gay da Bahia. Disponível em: <<http://www.ggb.org.br/>>. Acesso. 20 mai. 2016.

estabelecimentos se tornaram cenário para o encontro do público gay e o exercício do modelo de vida adotado por eles.

O movimento gay tem crescido em pressão e em importância no Brasil. Apesar dos avanços, o Brasil é um país paradoxal em relação à questão da homossexualidade. Podemos comprovar isto através dos números alarmantes de violência contra homossexuais nesta segunda década do século XXI. De acordo com o Relatório Anual dos números de Homossexuais assassinados no Brasil, realizado pelo Grupo Gay da Bahia⁵ (GGB), em 2015 foram assassinados 318 homossexuais. Desse total de vítimas, o GGB diz que 52% são gays, 37% travestis, 16% lésbicas, 10% bissexuais. O número é menor que o levantado em 2014 quando foram notificados 326 assassinatos. No entanto, é visível o processo de fortalecimento do movimento LGBT nacional, assim como maior capacidade de incidência política, maior visibilidade e capacidade de reagir às agressões e protestar rapidamente.

O sujeito homossexual

A construção da identidade de um indivíduo é fator fundamental para o entendimento de sua colocação no mundo e de seu constructo histórico-político-cultural, visto que hoje o sujeito (pós) moderno passa por ressignificações em relação a ela. As velhas identidades, dentro da perspectiva essencialista (WOODWARD, 2000), apresentam o sujeito biológico como centro do processo de construção identitária. Este modelo estabilizava e generalizava o mundo social. Na contemporaneidade, ele está em declínio, pois com a globalização ocorreu a fragmentação do indivíduo, permitindo novas concepções acerca da produção identitária (HALL, 2003).

Podemos entender a construção da identidade de um indivíduo partindo basicamente de três momentos históricos: o sujeito iluminista, sociológico e pós-moderno (HALL, 2003). O projeto iluminista segundo Hall (2003) tem o ser humano enquanto unificado, centrado na razão, consciência e ação, cujo pensamento consiste em: o indivíduo nascer e morrer de forma que sua identidade, sofrendo pouca variação em sua trajetória. Sua identidade tem foco no ser biológico. A concepção sociológica

⁵ O Grupo Gay da Bahia é a mais antiga associação de defesa dos direitos humanos dos homossexuais no Brasil. Disponível em: <<http://www.ggb.org.br/>>. Acesso em: 20 mai. 2016.

acredita que o núcleo interior do sujeito não é autônomo nem autossuficiente, mas formado na relação com outras pessoas importantes para ele, “que mediam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos em que habita” (HALL, 2003, p. 11).

Esta construção é formada a partir da interação eu – sociedade ou ainda da afirmação da existência de um eu-real, no entanto, este é formado e modificado num diálogo contínuo (HALL, 2003). Em relação à construção da identidade pós-moderna, Hall (2003) expõe que esta modificação proporciona ao sujeito uma fragmentação, que comporta não somente uma, mas várias identidades. Para ele, o próprio processo de identificação tornou-se mais provisório, variável e problemático.

Woodward (2000) também nos aponta aspectos importantes para a construção das identidades, quando afirma que estas adquirem sentido por meio de simbolismos e linguagens pelas quais elas são representadas. Esta representação atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior (HALL, 2003). Woodward (2000) inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meios dos quais os significados são produzidos (e a linguagem é um dos principais fatores), posicionando-nos enquanto sujeito. É por meio dos significados produzidos e pelas representações que damos sentido à nossa experiência e aquilo que somos.

A produção de significados e das identidades que são posicionadas nos (e pelos) sistemas de representação estão estreitamente vinculadas à visão de mundo de cada indivíduo. Dando ênfase à saída da representação para as identidades, esta compreendida no sentido de um processo cultural que estabelece identidades individuais e coletivas com os sistemas simbólicos nos quais se baseia, fornecendo possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? (WOODWARD, 2000).

Hall (2003) argumenta que o sujeito fala e se comporta sempre a partir de uma posição histórica e cultural específica. Woodward (2000) reforça que há duas formas de se pensar a identidade cultural: uma perspectiva mais essencialista, no sentido de que uma determinada comunidade busca recuperar a “verdade” sobre seu passado na unicidade de uma história e uma cultura compartilhada ou na firme convicção dos valores biológicos. Outra perspectiva é a não-essencialista, que tem a concepção de que a identidade cultural é aquela que vê o indivíduo a partir da lógica tanto de tornar-se

quanto de ser. Ou seja, o indivíduo sofre mutações nas suas identidades e para isto não precisa negar seu passado ou condição biológica, mas reconhecer que, ao reivindicar isto, o indivíduo as constrói, afirmando que mesmo o passado está em constante mutação. Hall (2003, p. 88) explicita a questão ao dizer que:

em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que tiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado.

São muitos e diferentes lugares a partir dos quais novas identidades podem emergir e a partir dos quais novos sujeitos podem se expressar (LACLAU apud SILVA, 2000) e o surgimento delas também é pontuado pelas diferenças, já que esta é considerada norte para a construção das identidades. Não se tem construção de identidade sem diferença. De acordo com Woodward (2000, p. 41),

as formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue a diferença são cruciais para compreender as identidades. A diferença é aquilo que separa uma identidade de outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposições.

Essas oposições são classificadas de formas díspares e por vezes polarizando as discussões em aspectos diferentes, fazendo a ordem social ser mantida por meio de divisões como *insiders/outsideers*, sendo assim, as categorias pelas quais indivíduos transgridem essa ordem são relegadas ao status de *outsiders*, garantindo o controle social desejado (Woodward 2000). Quando se questiona a identidade e a diferença devemos atentar para a problematização destas dualidades, já que a identidade e a diferença têm que ser produzidas de forma constante e ativa, não são criaturas de um mundo natural ou imutável, são criações do mundo cultural e social. Dentro desta discussão, Silva (2000) afirma que a identidade, assim como a diferença, se apresenta enquanto uma relação social. Isso significa que sua definição (discursiva e linguística) está sujeita a vetores de força e de relações de poder. “Elas não são simplesmente definidas, são impostas e não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias, são disputadas” (SILVA, 2000, p. 81).

Nesse sentido, buscando manter a ordem social, os membros de uma sociedade acabam por consentir, em certo grau, acerca de como classificar as coisas especialmente no sentido das suas formas de representação (WOODWARD, 2000). Manifestações acerca das destoações de grupos específicos, na forma de rituais, de símbolos e de manifestações são segundo Woodward (2000), fundamentais para a produção do significado das relações sociais e paisagens urbanas enquanto centros de sociabilidade.

Ainda partindo da diferença, agora acerca das identidades dominantes, podemos entender que vivemos em uma sociedade na qual há uma normalidade, um comportamento normativo. As identidades que diferem disto são consideradas desviantes ou estranhas (WOODWARD, 2000). Podemos citar como exemplo aqui a identidade homossexual, que desvia do padrão heterossexual adotado pela maioria da sociedade. Isto pode ser considerado enquanto hierarquização das identidades, quando se considera determinada identidade enquanto norma. Nesta mesma perspectiva surge no âmbito social outros debates, como o da família tradicional X família formada por diversas relações afetivas. Sobre a normalização e a questão sexual, Silva (2000, p. 83) nos explica que:

a normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença [...]. É a sexualidade homossexual que é “sexualizada”, não a heterossexual. A força homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade.

Os indivíduos contemporâneos vivem no interior de um grande número de diferentes instituições, que constituem aquilo que Bourdieu chama de “campos sociais” (apud WOODWARD, 2000, p. 30), tais como as famílias, os grupos de trabalho ou partidos políticos, e participam disso exercendo graus variados de escolha e autonomia, utilizando um conjunto de recursos simbólicos. Hall (2003) afirma que cumprimos diversos papéis sociais dentro das diversas posições que assumimos em nosso cotidiano, por exemplo, em casa se vive as identidades familiares e dentro dela somos espectadores das representações pelas quais a mídia produz determinados tipos de identidades, sempre baseadas dentro da normalidade – podemos expor aqui as telenovelas, anúncios, filmes, técnicas de venda ou ainda os reality shows. Podemos nos ver como a mesma pessoa em todos os aspectos de sociabilidade em nossa vida, porém

não é difícil perceber que somos diferentemente posicionados, em diferentes momentos e lugares. Parece difícil separar algumas dessas identidades e estabelecer fronteiras entre elas e a complexidade da vida moderna exige que assumamos identidades distintas, porém estas podem entrar em conflito, como assim descreve os conceitos de identidade pós-moderna.

Vivemos dilemas morais que nos levam a refletir sobre as afetividades entre sujeitos sociais e como a sociedade deve encarar (desconstruir?) velhos paradigmas. O sujeito homossexual que ainda luta pelo direito de amar livremente, trocar afeto em público e estabelecer famílias conquistou espaço na agenda pública e tem seus anseios apresentados em arenas de discussão política que deliberaram importantes, e necessárias, decisões, tal qual o casamento civil reconhecido por meio da Resolução n. 175, de 14 de maio de 2013, aprovada durante a 169ª Sessão Plenária do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). O texto aprovado proíbe as autoridades competentes de se recusarem a habilitar ou celebrar casamento civil ou, até mesmo, de converter união estável em casamento entre pessoas de mesmo sexo.

Ora, com a decisão, estariam estabelecidas premissas para concluir que, no âmbito legal, estes sujeitos possuem a prerrogativa de se autodeclararem famílias? Seria a instituição casamento o núcleo de consolidação da entidade família? Este artigo não se propõe a responder tais reflexões, mas a elucidar argumentos, por meio das representações, que possam balizar debates sobre as diversas relações de afetividade comportadas pela pós-modernidade cujos questionamentos acima se fazem latentes.

Homoafetividade e formação de diferentes configurações familiares na telona

Em “Café com Leite”, filme de Daniel Ribeiro, realizado em 2007, Danilo e Marcos são apresentados ao espectador como um casal de namorados que logo na abertura do curta reiteram o amor que sentem um pelo outro, contudo, ao desenrolar a primeira conversa fica claro que a relação de ambos representa um problema para vida familiar de Danilo. É nesta cena inicial que Danilo convida Marcos para ir morar com ele e iniciarem uma vida a dois (família?). O enquadramento fotográfico reitera a cumplicidade e intimidade entre os dois. Na cama, Marcos está deitado no peito de Danilo enquanto travam o seguinte diálogo:

Danilo: Quer morar comigo.

Marcus: Eu só quero dormir.

Danilo: Eu não sei. É que com esse trabalho eu já acho que dá para sair de casa. Eu queria que você fosse morar comigo.

Marcus: Você está me pedindo em casamento?

Danilo: Tipo isso.

Marcus: Eu aceito.

Danilo: Mas o ar condicionado tem que ficar ligado.

Marcus: Que horas são?

Danilo: Cinco e meia.

Marcus: Ah, meu pai está chegando.

Danilo: Treze chamadas não atendidas.

Marcus: Treze chamadas de quem?

Danilo: De casa, né? Não vejo a hora de sair de casa.

Mesmo diante dos afagos do amado, Danilo deixa claro o desconforto que sente por saber que terá problemas ao retornar para casa. O filme explora narrativas que entrelaçam diálogos e trocas intersubjetivas que permanecem no campo da vontade, ou seja, reitera a dificuldade de diálogo sobre assuntos que crescemos acreditando serem coisas de homem e de mulher, o casal tradicional. O que pode ser entendido quando Marcus pergunta, ainda sonolento e como quem não acredita no que está ouvido: “então você está me pedindo em casamento?”.

No filme, a homossexualidade se apresenta como algo intrínseco, cujo poder que exerce sobre as relações com seus meios sociais é apresentado secundariamente. É possível perceber ainda no início do filme a sensibilidade com que o assunto é tratado, reiterando o que o jornalista Rafael Dias escreveu no site da revista O Grito em texto de abertura da entrevista que realizou com Daniel Ribeiro, diretor do curta, no ano de 2008:

O que ninguém percebeu é que *Café Com Leite*, que vem arrancando elogios por sua delicadeza e sinceridade, talvez seja o primeiro curta brasileiro declaradamente gay que rompe a barreira dos festivais fora do circuito do queer cinema. O enredo versa sobre um casal homossexual e a reação de um dos rapazes ao perder os pais e receber a missão de cuidar do irmãos mais novo. [...] Em entrevista por e-mail, Daniel Ribeiro contou a O GRITO! que é de seu interesse filmar

o universo gay com naturalidade, distante da versão estereotipada, e que seu cinema tem influências de Wong Kar-Wai e Michel Gondry (RIBEIRO, 2008).

Essa normalidade buscada por Daniel é a premissa de um gênero cinematográfico que ainda galga espaços nas prateleiras. Segundo Margarete Almeida Nepomuceno (2009), o termo *New Queer Cinema*, ou cinema *queer* no Brasil, foi alcunhado pela feminista norte americana B. Ryby Rich, crítica de cinema, e utilizado pela primeira vez em artigo datado do ano de 1992 publicado na revista britânica *Sight & Sound*. O termo surgiu da busca da crítica por conceituar a produção cinematográfica emergente nos circuitos de cinema independente cuja temática gay permeava as narrativas difundidas.

De acordo com Nepomunceo (2009), o compromisso desta geração de cineastas era com abordagens mais humanas a “respeito da homossexualidade e na complexificação das subjetividades ambíguas e transgressivas” (p. 02). O *New Queer Cinema* proporcionaria visibilidade às relações de subjetividades que atravessam tanto os modelos tradicionais de sexualidade como a força das escolhas pessoais do próprio corpo e do que Maragarete chama de “autorreferência de gênero”.

A homossexualidade dos personagens já está inserida no contexto da relação amorosa entre ambos e representa um substrato das relações contemporâneas estabelecidas entre jovens de gays da classe média brasileira. O que pretendo debater neste texto são exatamente as nuances que se apresentam com a formação de um núcleo familiar que inclui um irmão mais novo, o irmão mais velho e o namorado do irmão mais velho. O filme, de certa forma, é um contraponto ao apresentado no capítulo anterior, já que retira o debate do centro das necessidades e desejos individuais para representar a construção de um núcleo social altamente valorizado cujo rompimento com o padrão se apresenta como um acinte aos defensores da família tradicional. “Café com Leite” não se pretende um tratado sobre as relações homossexuais ou à diversidade de famílias, mas uma narrativa sutil cujo principalmente elemento é o afeto.

Durante a entrevista acima citada, quando questionado pelo jornalista se considerava sua obra como parte do gênero cinema *queer*, Daniel responde:

Não me incomoda porque a temática me interessa e, de certa forma, os filmes se encaixariam (também) nesta prateleira. De qualquer maneira,

eu não faço com o objetivo de ser um filme queer. A Mona.. e A Outra Filha... foram feitos especialmente para o Show do Gongo, que é um evento do festival Mix Brasil, pra um público homossexual. O Café com Leite já foi feito pensando no público geral, tanto que em Berlim foi selecionado para uma seção voltada para adolescentes. Eu tenho novos projetos que envolvem personagens homossexuais e outros que não. O bom de prateleiras é que dá sempre pra reorganizar! (Ribeiro, 2008)

Segundo Margarete (2009), o cinema do século XXI resgata a intimidade, da ética, da estética, das sensibilidades, das relações de alteridade. Desta forma, a presença dos diferentes/divergentes se apresenta como significante de uma alternativa que se pretende ir além dos modelos heteronormativos no âmbito do espetáculo midiático da indústria de cultura de massa (NEPOMMUCENO, 2009).

Daniel Ribeiro (2008) conta que o roteiro do curta foi escrito quando ainda terminava o trabalho de conclusão de curso na universidade. A pesquisa acadêmica desenvolvida por ele era sobre o personagem homossexual no cinema brasileiro e a forma como foi retratado ao longo do tempo. O título do curta, explica Ribeiro (2008), surgiu da brincadeira de um irmão chamar o outro de “café com leite”. Como ponto de tensão do filme, ele apresenta uma relação familiar que enaltece a diversidade - união homossexual e a relação pai-filho entre irmãos.

Acho que este núcleo familiar tradicional já é, há um bom tempo, questionado. Não é raro o retrato de diversos tipos de famílias diferentes (casais com diferença de idade, ausência materna ou paterna, etc). Agora, os casais homossexuais surgem como mais uma possibilidade de família. [...] Acho que o grande objetivo era que a sexualidade do Danilo e do Marcos ficassem em segundo plano, e que a história dos irmãos e da dificuldade de adaptação fosse o mais importante (RIBEIRO, 2008).

Lopes (2006) afirma que a representação social possibilita uma política identitária de confronto e marcação das diferenças. O cinema assume papel fundamental ao enfatizar as múltiplas relações sociais que se apresentam na contemporaneidade. Tal estratégia coloca em cheque a relação entre estereótipo, estigma, reconhecimento, representação e inclusive a cultura. A partir desta afirmação, faz-se necessária a defesa da inclusão das imagens positivas da homossexualidade, levando em consideração o

caráter estruturante das relações de reconhecimento e representatividade que emergem das telonas (LOPES, 2006).

No curta de Daniel Ribeiro, Danilo é confrontado com uma nova realidade. Os pais morrem e ele se torna o responsável pelo irmão mais novo o “café com leite”. No ímpeto de construir uma nova família, Danilo inicia a aproximação entre Marcos e o irmão Lucas. Mesmo tendo que adiar alguns planos que havia feito com o namorado, Danilo enxerga nessa nova reconfiguração familiar que se apresenta uma oportunidade para serem felizes. O paradoxo entre compreender a dinâmica de uma vida a dois com o namorado e reconhecer o irmão como indivíduo que necessita de seus cuidados traz à tona tensões ainda não vividas pelo casal.

A sociedade contemporânea percebe a entidade família como a mais natural das instituições, conforme frisa Zambrano (2006). É a família o núcleo estruturante pelo qual é transmitido os valores culturais importantes para a valorização do indivíduo. Contudo, essa naturalidade se apresenta, também, com a falsa ideia de universalidade. Porém, muitos pesquisadores, sobretudo da antropologia, não concordam com a ideia normativa de concepção de família universal, visto que tal instituição é fruto de seu tempo, espaço e cultura ao qual está inserida (ZAMBRANO, 2006).

Elizabeth (2006) explica que o modelo familiar mais comum no ocidente corresponde ao da “família nuclear”: um pai, uma mãe e filhos. No Brasil este termo tem sido substituído pela sociedade pelo conceito de “família tradicional”. Tal entidade é constituída pela necessidade biológica que infere e para formar tal núcleo é necessário um homem e uma mulher que por sua vez devem produzir uma criança. Tal fato é apresentado como uma verdade irrefutável, pois uniria dois âmbitos que não abririam margens para questionamentos: o biológico e o social. A crítica a esse modelo é justamente na desconsideração das diferentes formas de expressão da família, fundadas nas variações temporais, espaciais e em uma mesma época e local. É necessário debruçar-se sobre as diferentes manifestações de família que se apresentam para que possamos entender como se dá essa dinâmica de representatividade e reconhecimento (ZAMBRANO, 2006).

Com o desenrolar da trama, o personagem Danilo demonstra pouco conhecimento sobre as rotinas de sua própria casa, muito menos sobre os acontecimentos da vida do irmão caçula, o Lucas. Com o falecimento repentino dos

pais, ele assume as responsabilidades de forma voluntária e inicia um processo de auto aceitação, desta vez não como sujeito de suas vontades, mas como o provedor de afeto e esteio para um outro ser em construção, o irmão. Para o deleite dos espectadores, o filme utiliza recursos para apontar a fragilidade dos irmãos diante da tragédia e as dificuldades em compreender como cada um está passando por um momento de perda. Ao optar pela ausência de trilha sonora durante cenas longas, somos inseridos em contextos de angústia e indecisões, como na cena em que Danilo chora a perda dos pais nos braços de Marcus.

Em meio a dor e a angústia, a relação entre os irmãos se torna mais forte. É como se Lucas transferisse ao irmão a imagem paterna e materna. Em determinada cena Lucas pede para dormir com Marcus, que permite, porém, o garoto pede para dormir com o tênis, talvez como forma de se sentir seguro ou de permissividade, ao fazer algo que antes não seria permitido. A subjetividade de gestos correntes ao longo do curta aponta para a relação entre narrativa e título do filme. Café com leite é uma típica sentença brasileira que designa uma pessoa, dentro de um jogo, ou brincadeira, que não pode ser coberta de forma integral por todas as regras, já que se trata de alguém menor, com menos compreensão do que está a sua volta. Em geral, café com leite é sempre o irmão caçula de alguém da turma de brincantes.

Quando Lucas pede para Marcus fazer seu leite, o pedido é muito maior do que um misturar de líquido, e sim uma necessidade de atenção, afeto que se transferiu dos pais para o irmão. É neste momento que percebemos o quanto Danilo não estava preparado para essa realidade. Ao esquentar o leite no micro-ondas ele perde o ponto e o deixa quente demais. Esta é a deixa para uma das cenas finais, em que Danilo experimenta vários níveis de temperaturas em vários copos de leite até encontrar o que mais agrada ao irmão, apontando que ele está se esforçando para compreender a nova realidade, a nova família.

Danilo não sabe a série que o irmão cursa, apontando um abismo na relação entre os dois e reforçando o quão difícil está sendo para ambos lidarem com a situação. O roteiro exclui Marcus de parte dos primeiros seis minutos do curta. A ausência do namorado nos faz direcionar o olhar para relação entre os irmãos, para que ao retornar para a trama percebamos como Danilo acredita na possibilidade de uma relação em que os três convivam, revelando assim a emergência de um novo núcleo familiar. A

passagem de tempo, representada pelo consumo de caixas de leite dispostas na dispensa, traz Marcus de volta à trama e já na primeira cena demonstra a fragilidade da relação entre ambos após a morte dos pais de Danilo.

Marcus tenta se adaptar, mas por limitações óbvias, já que a ruptura do estilo de vida que levava com o namorado é brusca, encontra dificuldades. É neste ponto que percebemos que o diretor apresenta a homossexualidade como coadjuvante, que faz parte dos indivíduos, e não faz disso um drama principal, ou seja, seus dramas são outros que vão além da aceitação da própria sexualidade e dos estigmas sociais que isso representa. Daniel lança um outro olhar sobre o cinema produzido com histórias que envolvem personagens homossexuais.

A nova realidade de Danilo o faz abdicar de uma viagem que faria ao lado do amado Marcus, planejada antes da tragédia. Ao perceber as dificuldades que se apresentam, Marcus decide viajar sozinho. Com a viagem do namorado, Danilo encontra na companhia do irmão o afeto familiar necessário em momentos de ruptura, ainda que tal ruptura pareça temporária, já que Marcus deve voltar. referencial teórico é a parte principal do artigo, em que são reveladas, de forma organizada e pormenorizada, as ideias apresentadas.

Considerações finais

Representar um casal homossexual nas telonas sem que, contudo, a condição homossexual seja o mote condutor da trama é um desafio. Com o curta *Café com Leite*, Daniel Ribeiro exercita essa proposta de forma exitosa, ensaiando, inclusive, inserir um outro debate na agenda pública, a questão das famílias formadas por pessoas do mesmo sexo e/ou por descendentes, no caso filhos/irmãos, em que um deles assume o papel de provedor da família, atuando como pai/mãe.

Produzir cinema sobre diferenças contribui para a criação de novos discursos e saberes sobre a diversidade humana. A sutileza das relações representadas esteticamente por meio da arte do cinema, como no filme de Daniel Ribeiro, pode sensibilizar a sociedade e engajar sujeitos sociais que se identificam com a proposta na reflexão sobre papéis sociais, de gênero e de afeição. Marcus, Danilo e Lucas podem ser primos, amigos, vizinhos,

amantes. Podem ser qualquer um, afinal, esta realidade representada pelo curta é um fragmento dos novos constructos sociais contemporâneos.

Referências

ALONGE, Wagner. Cultura gay e mídia: auto-afirmação identitária nos espaços da homocultura midiática. In: **Fórum da diversidade e igualdade: cultura, educação e mídia**, 2007, Bauru. Anais... Bauru: UNESP, 2007. Disponível em: <<http://www.faac.unesp.br/publicacoes/anais-comunicacao/textos/30.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

COSTA, Benhur Pinós da. Geografias das representações sobre o homoerotismo. Revista Latino-americana de Geografia e gênero. **Ponta grossa**, v. 1, n. 1, jan/jul, p. 21-38, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/1026/1215>> Acesso em: 06 de jul. 2016.

DIAS, Rafael. **Amores expressos**. Entrevista: Daniel Ribeiro, 2008. Disponível em: <<http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/page/blog/2008/03/28/entrevista-daniel-ribeiro/>>. Acesso em: 1º de jun. 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

LOPES, Denilson. Cinema e Gênero. In: MASCARELLO, Fernando (Org). **História do cinema mundial**. Campinas: Papirus, 2006.

NEPOMUCENO, Margarete. O colorido cinema queer: onde o desejo subverte imagens. In: **II Seminário nacional gênero e práticas culturais: culturas, leituras e representações**, João Pessoa: UFPB, 2009. Disponível em: <<http://itaporanga.net/genero/gt6/13.pd>> Acesso em: 10 mai. 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ZAMBRANO, Elizabeth. Parentalidades “impensáveis”: Pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. **Horizontes antropológicos**, v. 12, n. 26, jul/dez, ano 2006, p. 123-147. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832006000200006>> Acesso em: 03 mai. 2016.